

COLONIALISMO, RACISMO E A DEMONIZAÇÃO DO CORPO NEGRO: UMA POSSÍVEL LEITURA DO CONTO *O DIÁRIO DE MANUA*, DE UNGULANI BA KA KHOSA

Rodrigo Santos Dultra*
Rsdultra@gmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Ivan Maia de Mello**
filosofenix@gmail.com
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Ungulani Ba Ka Khosa é um dos mais prestigiados escritores moçambicanos, seu primeiro livro *Ualalapi* (1987) é considerado um dos cem melhores livros africanos. O escritor revisita o passado documentado de Moçambique, a partir das memórias e de estórias tradicionais. Seus textos podem ser compreendidos como recontações desses fatos históricos, em sua maioria, na contramão das versões oficiais. O presente artigo pretende evidenciar as discussões sobre o racismo e a demonização dos africanos presentes no conto, além de trazer à *baila* situações vividas por estes povos durante a colonização portuguesa. O estudo será realizado por meio da análise crítica e comparativa do texto literário. Constatamos que Khosa representa, através do texto analisado, o poder destrutivo das violências sofridas pelos africanos, não apenas durante a colonização como também nas primeiras tentativas de estabelecimento de certa diplomacia. As contribuições de Cabaço (2009), Fanon (2008) e Mbembe (2018) servirão de escopo teórico-crítico da análise.

* Doutorando em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente sou professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Tenho experiência como professor da rede pública e particular ministrando disciplinas como Gramática, Produção Textual e literaturas de língua portuguesa.

** Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos da Universidade Federal da Bahia. Ensina no Bacharelado Interdisciplinar em Artes da UFBA, no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB e no Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Coordenador do grupo de pesquisa e extensão universitária CLIPES (Corpo, Linguagem, Política, Educação e Subjetividade). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2012) como pesquisador da linha de pesquisa Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica. Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005). Membro do Conselho Editorial da Revista de Filosofia Lampejo. Membro do Comitê Editorial da Série Filosofia Brasileira da Editora Fi (Porto Alegre). Membro do Conselho Editorial da Coleção Apoena da EDUECE. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Estética, Ética, Filosofia da Educação, Filosofia Política e Epistemologia, em Teoria da Literatura e em Artes Cênicas, com ênfase em Direção e Interpretação Teatral. Publicou artigos em periódicos e capítulos de livros, além de poemas e ensaios em algumas coletâneas e jornais literários. Organizou eventos acadêmicos na área de filosofia e literatura. Realizou pesquisa de Pós-Doutorado na Universidad de La Republica do Uruguai (2019-2020).

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Ungulani Ba Ka Khosa. Racismo. Colonialismo.

1 Introdução

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”
Frantz Fanon (2008, p. 103)

As literaturas africanas de língua portuguesa nos dão provas da função da literatura como parte da história de um povo, assim como revela seu grande poder representativo frente às lutas enfrentadas nos territórios africanos, para além de ser apenas um objeto estético ou uso especial da linguagem, o que é possível observar da literatura moçambicana escrita em língua portuguesa. Temas como as guerras de independência, conflitos internos, a presença do ex-colonizador e as problemáticas que envolvem as ideias de nação, país, comunidade, autoria e a própria ideia de África fazem parte da agenda de muitos escritores africanos no pós-independência. Na maioria das vezes, essas narrativas nos levam a entender, sob um ponto de vista interno, como as sociedades africanas se estruturavam durante o regime colonial português, bem como após as lutas de independência. Escritores como Mia Couto, Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa são exemplos de autores que inserem em suas obras contextos e referências históricas. A arbitrariedade nas relações entre colonizados e colonizadores são postos *em tela*, além da violência do processo colonial vivenciada pelos povos africanos.

Ungulani Ba Ka Khosa é o nome tsonga¹ de Francisco Esaú Cossa, formado em Geografia e História, atuou como professor primário em Moçambique. O escritor pode ser considerado um guardião da memória histórica moçambicana, pois em suas narrativas, se propõe a recontar histórias antes lidas e ouvidas apenas por uma única perspectiva, nomeadamente a europeia/portuguesa. O livro *Ualalapi*, que teve sua primeira publicação em 1987, ganhou diversos prêmios e foi considerado um dos cem melhores livros da África no século XX. Nessa narrativa, o autor nos apresenta a Ngungunhane, último imperador do reino de Gaza, homem forte e considerado, por alguns moçambicanos, um herói nacional; pela sua resistência à colonização

1 De acordo com as diversas fontes consultadas, os *tsongas* são encontrados na província de Limpopo, Mpumalanga e no sul de Moçambique, tanto na região de Gaza quanto de Maputo.

portuguesa. O autor mescla documentos do período colonial ao texto literário e nos convida a adentrar no universo tradicional da contação de histórias. Em *Ualalapi* as narrativas curtas podem ser lidas como contos em sequência ou partes de uma única narrativa. Neste artigo, faremos uma leitura crítico-analítica do quinto conto do livro intitulado *O diário de Manua*, no qual o autor ficcionaliza um diário, supostamente do filho mais velho do imperador. Manua estudou na Europa e ao retornar para sua terra despreza sua cultura e costumes. O personagem funciona como uma alegoria do processo de assimilação cultural que os africanos enfrentaram durante a colonização.

As constatações feitas ao longo desse texto foram possíveis a partir da análise crítica do texto literário, bem como a comparação entre os fatos apresentados pelo autor e a história oficial moçambicana. As discussões dos filósofos Achille Mbembe e Frantz Fanon ajudaram a entender as agonias sofridas pelo filho do imperador e de que forma o colonialismo e a construção de uma visão demonizada e inferiorizada dos africanos contribuíram para a sua morte. Já a leitura e análise da pesquisa do sociólogo José Luís Cabaço foi importante para entender o contexto histórico do conto, essa compressão nos permitiu entender as referências da organização social colonial apresentada pelo autor.

2 O Diário de Manua, diário de um assimilado?

Segundo o narrador, o diário foi encontrado nos destroços do que seriam os restos do império de Gaza, os escritos são no mínimo reveladores e chocantes. Tomamos conhecimento de um filho que não gostava do pai, que negava os costumes de seu povo e os consideravam “bárbaros”, além disso, só via “salvação” para os negros africanos na aceitação da civilização branca europeia. Porém, é preciso levar em consideração que Manua enfrentou o “mundo” dos portugueses sozinho e teve apontado para si um canhão armado com uma das munições mais letais para uma pessoa ou grupo, o racismo. Esse enfrentamento levou o jovem a aceitar e assimilar os costumes europeus, na tentativa de se parecer com o outro. Esse processo, apesar de subjetivo, não foi individual já que durante a colonização portuguesa havia um sistemático incentivo para que os africanos se tornassem oficialmente assimilados.

O processo de assimilação nas colônias portuguesas se assemelhava a um rito de passagem no qual os nativos eram submetidos a uma espécie de inspeção para saber se haviam integrado ao seu cotidiano os costumes do colonizador. Por mais que

houvesse a falsa ilusão, por parte de alguns africanos, eles não eram considerados cidadãos plenos integrados ao que os colonos chamavam de mundo civilizacional, mas era considerado o mais próximo que um nativo poderia ser do homem português, assim poderiam manter relações sociais, trabalhistas e comerciais na colônia. Se submeter a esse processo, era uma das poucas garantias de acesso a postos de empregos determinados pelo governo colonial,

Contudo, a *assimilação* em momento algum representou a integração do colonizado como membro da comunidade portuguesa da colônia. Em primeiro lugar, por fatores de natureza objetiva que se traduziam na limitada capacidade infraestrutural da administração portuguesa para influenciar diretamente as populações em toda área do território; também por fatores subjetivos ligados à falta de vontade dos colonos e ao escasso empenho da burocracia e dos missionários em promover o acesso dos autóctones ao que era considerado o saber moderno; finalmente, pela dinâmica de autoproteção dos privilégios e mordomias, expressos nas barreiras racistas que se erguiam para os escalões ocupacionais mais baixos, cerceando a mobilidade social que a legislação anunciava. Se, pela *assimilação*, o indígena ganhava o estatuto jurídico de cidadão, no plano social ele permanecia sempre um membro subalternizado, nunca visto pelos colonos como “um de nós” e sempre como “o mais civilizado deles”, o outro a quem, em vez do estigma da caderneta era imposto o estigma “privilegiado” do alvará de assimilado (Cabaço, 2009, p. 118).

Nesse sentido, não se pode afirmar que Manua sofreu o processo de assimilação aos moldes da colonização, pois seu diário foi escrito antes de todo esse processo, porém o contato e a convivência com os portugueses o levaram a desejar essa assimilação “por vontade própria”. Cabaço aponta, na citação acima, para a falta de vontade dos próprios colonizadores em facilitar o acesso aos direitos dos cidadãos assimilados, além da fragilidade administrativa no incentivo a esse acesso. O racismo também configurava um fator de seleção desses lugares de prestígio, uma vez que os assimilados passavam a compor uma massa de trabalhadores que iriam ocupar os cargos considerados inferiores.

O personagem Manua era um dos filhos de Ngungunhane e havia estudado e se formado na escola de ofícios. Pelas pistas que o narrador nos deixa, sabe-se que ele estudou na metrópole. Teve acesso à educação formal europeia, porém isso não foi garantia de que seria considerado menos selvagem pelos portugueses. Há uma diferença temporal entre o processo de assimilação praticado na colonização e o que aconteceu ao filho do imperador, no entanto consideramos alegórica a situação apresentada pelo autor, através da personagem do conto.

O narrador revela a trajetória de Manua em um navio que iria de Moçambique a Lourenço Marques e todas as coisas que aconteceram no percurso, além de tomarmos nota das falas racistas e etnocêntricas proferidas pelos personagens portugueses no navio. O que Manua ouviu e vivenciou remetem a *Experiência vivida do negro*², toda a experiência vivida naquele navio serve como representação das violências praticadas com o colonialismo, uma visão demonizada e negativa dos povos africanos. O desencadeamento desses discursos, na narrativa, acontece concomitante às atitudes de Manua ao quebrar um dos costumes milenares do seu povo, os nguni. Tal desobediência gerou uma série de fatores negativos,

Na primeira noite, contrariando o hábito secular dos nguni, Manua comeu peixe. Achou-o saboroso e vituperou a sua prole. Bebeu um litro de vinho, arrotou e saiu da mesa. Passeou pela ponte, cumprimentou o capitão do navio e postou-se na amurada do navio, fumando um cigarro enquanto olhava para as estrelas e a Lua que atirava fiapos de luz à esteira prateada que o navio sulcava. O marulhar das águas reconfortou-lhe o espírito. Recolheu ao beliche que lhe estava reservado e dormiu. Sonhou com lanças e savanas secas e verdejantes. Viu serpentes a enroilharem o corpo bojudado do pai e sorriu. Ao findar da noite acordou sobressaltado. Pancadas insistentes e ferozes caíram na porta do camarote (Khosa, 1998, p. 98).

Na passagem acima, temos a notícia de que Manua havia afrontado um dos costumes do seu povo que era o de não comer peixe, já que ele era nguni e esse povo não poderia comer peixe, porque eram considerados semelhantes. Quanto a isso ³Xingana da Luz escreve que: “Ngungunhane não come peixe. É Nguni. Nguni é irmão de peixe. Aliás, Nguni é peixe, por isso não se pode comer a si mesmo.”. Essa desobediência pode servir para revelar a negação daquilo que o jovem não queria mais ser. Ao violar esse costume, ele estaria afirmando que não pertencia mais a seu povo, que de fato estaria assumindo novos costumes.

A desobediência praticada por Manua pode figurar também sua fraqueza no enfrentamento ao *modus operandi* do colonialismo, a demonstração de sua impotência frente ao sistema racista no qual estava inserido, comer peixe e beber vinho funcionaria como símbolo de civismo ou uma maneira de integrar-se ao contexto em que estava. O fato de estar sozinho em um universo totalmente diferente daquele

2 Esse é o título do 5º capítulo do livro *Pele negra máscaras brancas*, de Frantz Fanon no qual o autor discute as experiências que ele teve como negro vivendo na França.

3 Escritor, poeta e jornalista moçambicano autor do livro *Lágrimas da Vida Sorriso da Morte* (Fundac, 2012).

que estava acostumado, com pessoas que nem ao menos aceitavam sua existência como ser humano, levou o jovem a tomar tal atitude. Quanto a isso, Frantz Fanon revela que “Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento do “ser para-o-outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada(...)” (Fanon, 2008, p.103).

As palavras de Fanon propiciam uma leitura plausível do comportamento de Manua no texto de Ba Ka Khosa. A valorização da cultura ocidental, a qual o personagem defende, não o transforma em um rebelde inconsequente que despreza totalmente o que havia aprendido com seu povo. No momento em que esteve em contato com o outro (branco, português, colonizador), precisou ser para esse outro, reconfigurar suas referências de identificações culturais de forma involuntária. Ao incorporar esse desejo de “ser para o outro, ou como o outro”, a morte de seu pai passa a permear seus sonhos e isso, de certa forma, lhe trazia alegria. Não se sabe se esse riso faz parte de uma satisfação pessoal, ou da satisfação do outro (branco, português, colonizador) que já estava assimilada em si mesmo.

Uma situação inusitada para olhos e ouvidos ocidentais acontece, Manua acorda sobressaltado com batidas na porta de seu quarto, pois havia vomitado por todo o navio uma mistura de peixe, arroz e vinho. Os autores desse artigo entendem essa passagem como uma forte metáfora do mal-estar causado pela mistura cultural, imposta simbolicamente a Manua, culminando na transgressão das suas tradições. Essa também faz parte da inserção de elementos místicos e sobrenaturais próprios da narrativa oral africana, segundo o escritor moçambicano Mia Couto “O fantástico e o inusitado estão na realidade africana e fazem parte da nossa cultura” (Fonseca; Cury, 2007, p.126). Na perspectiva assumida no presente artigo, entendemos esses acontecimentos como elementos naturais às cosmovisões africanas tradicionais, concordando com as palavras de Couto, “fazem parte” das culturas africanas e moçambicanas, de forma natural, trivial e cotidiana.

Voltaram a bater à porta. Com ajuda das mãos ergueu-se e abriu a porta. O comandante do navio e seus dois lugares-tenentes olhavam-no com certa gravidade.

– Tens a sorte de seres filho do rei, rapaz – disse o comandante.

– Caso contrário limpavas esta merda toda e atirava-te depois pela borda fora, seu preto...Olha esta porcaria...Olha, vê bem a merda que fizeste... (Khosa, 1998, p. 98-99).

No excerto acima uma questão chamou nossa atenção, o respeito que os portugueses nutriam por Ngungunhane, pois o comandante afirma que se ele não fosse “filho do rei”, iria obrigá-lo a limpar a sujeira e ainda o atiraria pela borda do barco. O reconhecimento do status de nobreza que pairava sobre Manua, ainda foi capaz de lhe dar certos “privilégios” na viagem. Porém, o insulto acompanhado da expressão “seu preto”, revela um tom racista do capitão. Uma constatação implícita daquilo que está revelada na epígrafe que abre este artigo, o fato de ser negro naquele contexto africano – da tomada do território pelos portugueses – já o colocava sob suspeita. Parece que todos estavam esperando o momento em que o menino revelaria atitudes que confirmassem sua inferioridade em relação aos outros passageiros,

[...] A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem duplo sentido. Respondendo que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com a civilização que não conheciam e que lhe foi imposta (Fanon, 2008, p. 104).

Isso nos leva a entender o que aconteceu no diálogo entre Manua e o comandante do navio e ainda mais nas situações que se seguirão. O jovem Manua não teria mais que ser ele apenas para si e para os seus semelhantes, mas precisava fazer isso diante de todos os brancos europeus que estavam naquele navio. Essa situação é análoga a que aconteceu no processo de assimilação em que os negros foram obrigados a integrar os costumes do outro, tendo como referência a cultura portuguesa. A diferença estaria no fato de que no processo de assimilação, os africanos se apresentavam por vontade própria⁴, enquanto Manua foi envolvido nesse engodo e passou a sofrer conflitos internos diante da violência do racismo.

Manua via e ouvia das pessoas que sua cultura era inferior, bárbara ou desprestigiada. O processo de assimilação na colonização apresentou também essa

4 Segundo José Luís Cabaço (2009), para que os negros africanos conseguissem determinados empregos era necessário que fossem assimilados, para que conseguissem sustentar suas famílias ou mesmo manter esse status de assimilação passaram a ser inspecionados e ter de apresentar uma espécie de alvará. Então não era um processo tão voluntário quanto se queria. Essa foi a imagem veiculada por Portugal para ficar bem diante das outras nações e esconder a crueldade de todo esse processo.

duplicidade de padrões culturais, os povos africanos tinham sua referência, sua cultura estabelecida e de repente tiveram que se curvar diante da cultura europeia. A pior das constatações está em saber que o olhar do outro é que passa a nortear as atitudes que se deve tomar, era preciso estar bem, mas não para si mesmo, era preciso estar bem para o outro. O olhar cruel, fulminante e supostamente superior do outro que se estabelece como única referência a ser seguida. Um olhar que causa medo, angústia e sofrimento,

E Manua chorava. Minutos depois recolheu ao beliche. Levantou os lençóis e viu-os impecáveis, exceptuando um borrão de esperma. Olhou para a roupa e viu-a sem nódoas, exceptuando a parte dos joelhos. Sentou-se na borda da cama. Os faxinas entraram no camarote e limparam o soalho, olhando de soslaio o preto, filho do rei que os portugueses tanto temiam (Khosa, 1998, p. 99).

Ele chorava pela angústia de saber que não seria penalizado como um passageiro comum, mas, sobretudo por ser africano. Manua chorou porque já não podia resistir àqueles olhares que eram lançados para ele. Chorou porque teve de enfrentar sozinho toda raiva, preconceito e racismo que lhe eram dispensados, por todas aquelas pessoas que estavam no navio. Possivelmente para os europeus não era apenas um jovem passageiro, mas o representante de um povo considerado inferior, um povo com costumes bárbaros, primitivos, que precisava urgentemente ser salvo de suas convicções errôneas e que lhes prejudicavam. Ba Ka Khosa não passa ao largo da discussão sobre a violência do colonialismo e discute, através dos personagens na narrativa, situações que provavelmente eram cotidianas nas ex-colônias. Convicções arrogantes foram reveladas mais adiante, por alguns personagens,

Hoje, escreveu a dado passo, vomitei. O comandante do navio nada entende de feitiço. Se compreendesse alguma coisa talvez entendesse o fato de eu ter sido dos poucos da minha tribo que teve acesso ao mundo dos brancos, à sua língua, aos seus costumes e à sua ciência. Mas ele não pode entender o mundo do negro, os nossos costumes Bárbaros, a inveja que norteia a nossa vida e as intrigas que nos matam diariamente (Khosa, 1998, p. 100).

Observa-se que Manua tem consciência de estar sozinho nesse universo, contudo ele não lamenta o fato, ele toma isso como suposto privilégio. Não teve acesso apenas à língua europeia, mas à ciência e os costumes, e juntamente com

elas absorveu todo preconceito e desprezo pela própria cultura. A nova referência cultural que agora o norteava o fazia enxergar seu povo como bárbaros, seus costumes como primitivos e sua cultura como negativa. Embora não se achasse mais parte integrante de seu povo, ele não se enganava; pois não era e nunca seria um europeu. Ele estava no lugar situado por Cabaço na citação anterior, não era mais um africano, mas também não seria um europeu, apenas o mais próximo de ser um cidadão projetado pelo sistema colonial.

Apesar disso, era necessário fazer algo, tomar alguma atitude. Então passou a nutrir em si o desejo de não mais estar sozinho nesse universo, contudo não partiu para um enfrentamento de resistência. Ele resolve que quando assumir o trono do pai irá consolidar toda a cultura europeia, irá fazer com que os seus semelhantes também passem a desfrutar de não mais estarem em um lugar, considerado por ele, desprestigiado:

Quando eu for imperador eliminarei estas práticas adversas ao Senhor, pai dos céus e da Terra. Serei dos primeiros, nestas terras africanas, a aceitar e assumir os costumes nobres dos brancos, homens que estimo desde o primeiro dia que tive acesso ao seu civismo são (Khosa, 1998, p.100).

Manua mais uma vez referencia sua admiração aos costumes portugueses, além disso, se coloca como inferior quando aceita que o outro possui um civismo são, livre das doenças e flagelos que, na sua concepção, atingiam seu povo. Manua não iria apenas aceitar a cultura europeia, mas também aceitar os costumes que ele passava a considerar “nobres”. Desejava ser imperador não para lutar contra a invasão de seu território e defender sua cultura. O autor levanta, através da personagem, a discussão que irá permear alguns estudos sobre a África, a demonização dos povos africanos a partir do olhar do colonizador europeu,

— Vocês admitem pretos nestes barcos e o resultado é esse, capitão. O senhor sabe que minha esposa desmaiou?

— Não. Mas o senhor deve compreender que o moço é o filho do rei destas terras do Sul.

— Qual rei, que merda, os pretos nunca tiveram reis, capitão! Isso é história. No seu lugar atirava-o pela borda fora. É o que ele precisa, preto de merda.

— O senhor tem razão – disse um terceiro, acercando-se. - O comandante devia atirá-lo ao mar.

— Isso não faço. Mas custa-me acreditar que o moço tenha enchido o navio de vômitos.

— O capitão anda a insinuar o quê, eh!... O senhor acha que um branco como eu e os outros que por aqui andam não sabem onde devem vomitar?

— Eu não queria dizer isso, mas custa-me acreditar neste facto.
 — Isso é bruxaria – disse o primeiro interlocutor do capitão. – Andei eu este tempo todo pelo sertão e vi coisas incríveis, capitão. Se vos disser que vi aldeias a envelhecer do dia pra noite vocês acreditariam? [...] (Khosa, 1998, p.100-101).

O diálogo acima é permeado de exemplos de como alguns europeus viam os africanos, não há mais dúvida quanto ao racismo, preconceito e visão dos africanos como bruxos mal-intencionados. O próprio questionamento da organização política que um dos interlocutores não acreditava existir. Além da suposta superioridade em dizer que eles saberiam onde vomitar, mostrando certa civilidade em relação ao outro. O diálogo continua e vai tomando dimensões cada vez mais reveladoras quanto à visão demonizada dos povos africanos.

— Certo senhor Antonio Matos. É preciso ter estômago de uma baleia para tirar um vômito destes. Meto dois homens à porta do camarote e não deixo sair, nem para casa de banho, preto de merda.
 — É a melhor coisa que faz capitão. Há pessoas por aqui que estão na disposição de esfaqueá-lo. Já vi um preto a ser esfaqueado. Em vez de sangue saía água, capitão.
 — Que raça!
 [...]
 — Estes pretos são duros de roer.
 — É verdade.
 — Está-se a fazer tarde para mim. A senhora deve estar preocupada, coitada. Boa noite.
 — Boa noite.
 Dispersaram-se. Manua tirou o ouvido da porta e chorou (Khosa, 1998, p.102-103).

Haviam feito com Manua o que há de mais cruel, violento e abominável, tiraram-lhe a humanidade. O diálogo entre as personagens evidencia a gravidade dessa visão, através de justificativas tendenciosas e arraigadas de uma visão etnocêntrica. A tentativa de provar que os povos africanos não eram seres humanos, pois não havia sangue correndo em suas veias, uma tentativa de afastar o outro da própria humanidade que se acreditava ser superior. O capitão que até então se mostrava resistente, acaba cedendo diante dos argumentos de seus interlocutores. E o que Manua sentia se revela nas palavras de Fanon,

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque

pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer (Fanon, 2008, p. 106-107).

Fanon expressa, nessas palavras, um pouco de sua experiência como negro martinicano na França, os olhares, os dedos apontados e os julgamentos. Ele havia percebido que não era algo inocente, não era a reação de uma única pessoa, mas de todo um povo. Já para Manua, sua experiência em um navio no qual estava enfrentando todo universo racista do colonialismo, não lhe despertou o desejo de lutar contra o sistema estabelecido, mas assimilá-lo. Seu choro revela a dor, a fragilidade e a impotência diante do que ouviu. O que ele poderia fazer com seu corpo ao descobrir que sua existência não era considerada nem mesmo humana?

Manua voltou para sua terra, mas não conseguia interagir com seu povo, tornou-se solitário e taciturno. O narrador nos conta que não soube mais de seu diário, pois as outras folhas foram comidas por ratos. Quem vai contar os últimos dias de Manua será Kamal Semade, um comerciante árabe. Segundo ele, Manua morreu alcoólatra e solitário, não se comunicava com as pessoas da sua terra e mantinha um discurso de conveniência com o sistema colonial, trocava o dia pela noite lendo, estudando e tentando convencer seu pai a se render aos portugueses.

Entendemos que o personagem foi acometido por uma depressão resultante da assimilação forçada à cultura europeia, por causa de todas as barbaridades e violências sofridas na viagem que fizera. Seu pai não o entendia e nem mesmo se importou com sua morte. O jovem, filho do imperador, compreendeu que as pessoas no navio não o odiavam por ter cometido um delito, mas apenas pela sua origem e cor da pele. Pessoas que não o consideravam digno de humanidade, que não acreditavam que em suas veias corria sangue. Todo esse ódio irracional levou Manua a adoecer e se entregar à bebida e à solidão. Fanon fala desse trágico encontro do homem com a irracionalidade,

[...] Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para uma criança do que o contato com o racional. Pessoalmente eu diria que, para o homem que só tem como arma a razão, não há nada mais neurotizante do que o contato com o irracional (Fanon, 2008, p. 110).

Manua se encontrava perdido, não conseguiu viver uma vida saudável após o que havia vivenciado. Tomou para si o ódio que lhe foi dispensado, tentou no

reconhecimento da superioridade do outro, reconfigurar sua identidade. No entanto, essa atitude não foi compreendida pelo pai e nem pelo seu povo,

[...] Manua Berrava. Ninguém o acudia. Está louco, diziam. Uma coruja piou. Ngungunhane dormia. Sonie sonhava com capulanas. Godide via o império a seus pés. Cuiu viu em sonhos o seu sobrinho Ngungunhane se rastejar como uma serpente aos pés dos portugueses. Manua arfava. A lua despontava. A coruja piou de novo. Os cães latiam. O garrafão de sopé caiu. O líquido espalhou-se. Os ratos molharam-se. Alguns apanharam bebedeira. A porta saiu. Manua morreu. A coruja piou. Os cães latiram. Os ratos roíam o corpo de Manua. A noite passou. A manhã nasceu. As mulheres foram à água. Os guerreiros foram à caça de gafanhotos. Ngungunhane dormia. Acordaram-no. Teu filho morreu, disseram. Quem? Perguntou. Manua. Enterrem-no, respondeu e dormiu. A manhã cresceu. Os gafanhotos desapareceram. As nuvens fugiram do céu. O império gemia (Khosa, 1998, p. 108).

Manua morreu sozinho em sua casa. Nos seus últimos dias apenas teve a companhia de um dos irmãos que o visitava periodicamente, teve o corpo comido por ratos. Simbolicamente podemos entender esses ratos como representação de todos os elementos culturais europeus que ele teimava em cultivar. Assim como os pensamentos que nutria em querer que seu povo aceitasse a colonização. Os ratos também podem ser interpretados como os pensamentos que lhe acometeram após aquela noite no navio, quando ouviu a conversa a seu respeito, sobre sua não humanidade e inferioridade. Isso corresponde ao que diz Achille Mbembe, ao descrever a “devastação psíquica” dos negros submetidos à colonização:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres (Mbembe, 2018, p. 13).

O filho do imperador não foi capaz de perceber a dimensão das violências que sofrera, morreu achando que a solução seria parecer com os que mais tarde roeriam seu corpo até a morte. Esses pensamentos o levaram a uma prisão interna. Ele foi condenado a não mais partilhar dos mesmos costumes do seu povo, foi condenado a viver sozinho, por ser dos únicos a compreender bem o português, saber ciência e

ofícios. Condenado à “solitária”, não casou, não teve filhos e morreu com a alcunha de louco.

3 Considerações finais

A partir da análise do conto em consonância com o escopo teórico-crítico selecionado, foi possível constatar como as referências identitárias africanas foram deslocadas, pois a cultura portuguesa é que passou a ser a base referencial durante a colonização. Essa situação causou uma perturbação nas configurações da identidade cultural do novo grupo social formado nas colônias, já que para eles era preciso abandonar a cultura de origem, negar todos os seus costumes e adaptar-se à nova cultura. Isso incluía a língua, a forma de se vestir, as manifestações religiosas e a educação que era dada aos filhos. Ainda segundo Cabaço (2009), “Os assimilados deveriam ser a prova viva essencialmente ritual, da missão civilizadora”. Porém, o quadro que se montou remete a um processo de esvaziamento do sujeito, o apagamento de sua cultura, a tentativa de branqueamento do espaço colonizado.

Além disso, a situação vivenciada por Manua pode ser considerada análoga à vivida por muitos africanos durante o processo colonial. Apesar de o jovem ter estudado na escola de ofícios, a narrativa aponta para o fato dele nunca ter usado esse conhecimento, pois ao retornar para casa, não era mais entendido pelo seu povo. Ele se recusava a usar outra língua que não fosse o português e desprezava as roupas e os costumes africanos. Entendemos essa recusa pela própria cultura como parte da consequência das violências sofridas pelo jovem, o colonialismo fez com que muitos povos tivessem que abandonar suas crenças e costumes. Além de terem que aprender o idioma do colonizador. Portanto pode-se afirmar o quanto o processo colonial foi devastador para os povos que o enfrentaram. Por isso é preciso tomar conhecimento das histórias silenciadas e apagadas para que se possa ter uma visão mais ampla do passado em suas mais diversas versões.

COLONIALISM, RACISM, AND THE DEMONIZATION OF THE BLACK BODY: A POSSIBLE READING OF UNGULANI BA KA KHOSA'S SHORT STORY *THE DIARY OF MANUA*

Abstract: Ungulani Ba Ka Khosa is one of the most prestigious Mozambican writers, and his first book *Ualalapi* (1987) is considered one of the one hundred best African books. The writer revisits the documented past of Mozambique, based on memories and traditional stories. His texts can be understood as retellings of these historical facts, mostly against the official versions. The present article intends to highlight the discussions on racism and the demonization of Africans present in the short story, besides bringing up situations experienced by these people during the Portuguese colonization. The study will be carried out through a critical and comparative analysis of the literary text. We see that Khosa represents through the analyzed text the destructive power of violence suffered by Africans, not only during colonization but also in the first attempts to establish a certain diplomacy. The contributions of Cabaço (2009), Fanon (2008) and Mbembe (2018) will serve as the theoretical-critical scope of the analysis.

Keywords: Mozambican literature. Ungulani Ba Ka Khosa. Racism. Colonialism.

Referências

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BA KA KHOSA, Ungulani. *Ualalapi*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1998.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Porto: Vega, 1994.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Raquel Ramalhe. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LARANJEIRA, José Luís Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa: formação e desenvolvimento das literaturas*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e Ressonâncias: Literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte, PUC Minas, 2003.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N – 1 Ed., 2018.

VILHENA, Maria da Conceição. *Gungunhana no seu reino*. Lisboa: Edições Colibri, 1996.

Recebido em 30/04/2023

Aceito em 27/11/2023

Publicado em 30/11/2023